

O ITINERÁRIO PIONEIRO DO URBANISTA ATTILIO CORRÊA LIMA

Anamaria Diniz
CAU - Pontifícia Universidade Católica de Goiás
anadinizarq@gmail.com

RESUMO

Apresenta-se a trajetória pioneira do arquiteto-urbanista Attilio Corrêa através das correspondências trocadas com seu pai, o escultor José Octávio Corrêa Lima, durante o período (1927 a 1931) em que foi pensionista da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) em Paris. O cotidiano relatado nas cartas destaca as dificuldades econômicas pós-Primeira Guerra, a crise habitacional, os contrastes culturais, as trocas de conhecimento, o contato com a arquitetura moderna e a rede de sociabilidade que o arquiteto construiu e manteve. Nas correspondências há referências sobre as aulas de urbanismo na Sorbonne, o curso de Sanitarismo realizado no Institut de Techniques Sanitaire du Conservatoire National de Arts et Metiers de Paris e as lições de concreto armado com o arquiteto construtivista Berthold Lubetkin. Corrêa Lima descreveu detalhadamente a valiosa colaboração de seus colegas ao plano para o Rio de Janeiro elaborado por Alfred Agache, defendendo o campo de trabalho que parecia ser promissor, assegurando a capacidade dos brasileiros. No seu relato, e ao pesquisar o Plano de Extensão, Remodelação e Embelezamento para a cidade do Rio de Janeiro, percebe-se que a contribuição dos brasileiros foi significativa e extensa, com informações preciosas e específicas que somente profissionais "da terra" eram aptos para desenvolvê-las. O ensino ministrado pelo l'Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris é objeto de cuidadosa apresentação. A partir do percurso do arquiteto foi possível recuperar os debates e as tensões que caracterizaram o urbanismo no seu nascimento. Entre o higienismo do século XIX e a cidade-parque do século XX, Attilio C. Lima planejou cidades como Goiânia, Volta Redonda e inaugurou o ensino do urbanismo na ENBA.

PALAVRAS-CHAVE: Attilio Corrêa Lima; Urbanismo; Arquitetura Moderna.

THE PIONEERING JOURNEY OF THE CITY PLANNER ATTILIO CORRÊA LIMA

ABSTRACT

Here is the pioneering journey of the architect and city planner Attilio Corrêa through the letters exchanged with his father, the sculptor José Octávio Corrêa Lima, during a period (1927-1931) when he was an inmate at the National School of Fine Arts (ENBA) in Paris. The daily routine reported on his writings highlights the post war economic problems, the housing crisis, the cultural contrasts, the exchange of knowledge, his contact with modern architecture, and the social network that Attilio Corrêa Lima has built and maintained. In the correspondence there are references to the urban classes at the Sorbonne the course of Sanitarism held at the Institut de Techniques Sanitaire du Conservatoire National de Arts et Metiers in Paris and the lessons of concrete with the constructivist architect Berthold Lubetkin. Corrêa Lima described in detail the valuable collaboration of his colleagues to plan for the Rio de Janeiro by Alfred Agache, defending the work field that seemed to be promising, ensuring the ability of Brazilians. In his report, and to find the Extension Plan Renovations and Beautification of the city of Rio de Janeiro, it is clear that the contribution of Brazilian was significant and extensive, with precious and specific information that only professionals "of the earth" were able to develop them. The courses offered at l'Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris are all worthy of careful presentation. From the architect's trajectory it was possible to recover the debates and tensions that characterized the urbanism at his birth. Between the hygienism of the nineteenth century and the city-park of the twentieth century, Attilio Corrêa Lima planned cities like Goiânia and Volta Redonda, and began the Urban Planning education at ENBA.

KEYWORDS: Attilio Corrêa Lima; Urbanism; Modern Architecture.

INTRODUÇÃO

O arquiteto e urbanista Attilio Corrêa Lima há muito pouco tempo se tornou um personagem de interesse para o urbanismo brasileiro. Uma quantidade significativa de trabalhos foi produzida sobre ele, compreendendo dissertações de mestrado, teses de doutorado e artigos científicos. Todavia, a revisão do estado da arte permitiu identificar lacunas que a presente pesquisa se dispõe a responder. Entre os aspectos relevantes que clamam por uma investigação mais detalhada, se evidencia a necessidade de melhor entender a formação de Corrêa Lima no Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris (IUUP), observando as redes de sociabilidade que ali se formaram e, enfim, elucidar como essa formação se encontra expressa no seu trabalho profissional.

A pesquisa teve como fio condutor fontes primárias – as correspondências de Corrêa Lima com o pai, o escultor José Octávio C. Lima,¹ durante os anos de 1927 a 1931, período em que morou em Paris como aluno pensionista da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA). Isso possibilitou uma construção histórica pautada pelo viés da História Cultural, abordagem ainda inusitada no conjunto de trabalhos dedicados ao arquiteto-urbanista.

O QUE AS CARTAS DIZEM?

As correspondências entre Attilio Corrêa Lima e seu pai não são meramente cartas trocadas entre pai e filho, mas registro de uma época, entre “amigos confidentes”, que se aconselhavam e compartilhavam experiências. Desde criança, ele frequentava o ateliê de escultura de seu pai, José Octávio Corrêa Lima. Havia uma ressonância na relação entre pai e filho. Era no ambiente de arte, de amigos escultores, pintores e arquitetos em que Attilio C. Lima cresceu e pôde desenvolver suas habilidades artísticas.

A família Corrêa Lima tem sob sua guarda as cartas que o arquiteto-urbanista enviou aos pais. Contudo, aquelas que ele recebeu não foram conservadas. Bruno C. Lima² afirma que seu avô, José Octávio, “tinha a mania de guardar tudo”, razão por que essas correspondências foram preservadas.

Num universo de cento e cinquenta correspondências, pode-se ter acesso a cinquenta e oito delas, previamente selecionadas pela família, mediante a justificativa de que “somente essas é que continham assuntos sobre os estudos de Attilio C. Lima em Paris”. As outras abordavam temas pessoais, particulares.

As riquezas de detalhes nas descrições das experiências do cotidiano vivenciadas pelo arquiteto e a abordagem de temas tão relevantes para a história do urbanismo no Brasil estão tratadas com propriedade. Corrêa Lima deixou um registro importante, no qual se encontram expressas as dificuldades de se viver em Paris no período pós-Primeira Guerra, a crise habitacional que abalava a França e a manutenção da vida com uma bolsa de estudos. Havia, ainda, referências sobre as aulas de urbanismo na Sorbonne, o curso de Sanitarismo realizado no Institut de Techniques Sanitaire du Conservatoire National de Arts et Metiers de Paris e as lições de concreto armado com o arquiteto construtivista Berthold Lubetkin. Destacam-se, também, as críticas ao urbanismo de Agache nos planos do Rio de Janeiro, as relações entre os amigos Paulo Antunes Ribeiro, Lucas Mayerhofer, Paulo Santos, as discussões sobre a formação dos arquitetos brasileiros e franceses, a convivência e a presença dos artistas modernistas em Paris como Anita Malfatti e Vila Lobos.

ATTILIO NA ENBA

Em 1919, Attilio C. Lima matriculou-se como aluno-livre na ENBA, onde frequentou diferentes cursos oferecidos pela escola, entre os quais se encontravam os de escultura, pintura, modelagem, gravura de medalhas, composição de arquitetura, modelo vivo e desenho figurado. Após um ano, ingressou em 1920 no Curso Geral da ENBA, concluindo-o em 1922. Em fevereiro de 1923, iniciou o Curso Especial de Arquitetura, diplomando-se três anos depois com o título de engenheiro-arquiteto. Nessa ocasião, foi premiado com a Grande Medalha de Ouro e expôs alguns de seus trabalhos acadêmicos no Salão Nacional de Belas Artes, conquistando Menção Honrosa, e em 1924 a Medalha de Bronze. Em 1926, participou do Prêmio Donativo Caminhoá, o Prêmio Viagem à Europa do qual saiu vitorioso.

A formação de Attilio Corrêa Lima foi marcada pela permanência dos cânones clássicos herdados da antiga Escola Imperial de Belas Artes (EIBA), influenciada por sua vez pelos mestres da missão francesa. No entanto, os últimos anos de seus estudos na ENBA foram dominados pelo nacionalismo expresso nos trabalhos acadêmicos com traços do neocolonial e ainda pelo estilo missões.

Attilio C. Lima teve, entre seus colegas da ENBA, seus melhores amigos, com os quais estabeleceu uma lealdade que perdurou por toda a sua vida, principalmente com Paulo Antunes Ribeiro e Lucas Mayerhofer.

¹José Octávio Corrêa Lima (1878-1974), escultor, foi um dos principais discípulos do escultor Rodolfo Bernardelli, professor e diretor da ENBA (1890 a 1915), vencedor do Prêmio Viagem em 1899 com a escultura *Remorso*. Casa-se com a italiana Rosália Márzia Benfaremo Corrêa Lima e em 8 de abril de 1901 nasce em Roma o filho único desse casamento, Attilio Corrêa Lima.

²A família Corrêa Lima, representada pelo filho de Attilio Corrêa Lima, o também arquiteto Bruno Corrêa Lima, e a sua neta, a museóloga Rachel Corrêa Lima, mantém na cidade de Nova Friburgo, na região serrana do Rio de Janeiro, um museu particular com a produção arquitetônica, urbanística e documentos referentes ao período em que o arquiteto-urbanista exerceu suas atividades acadêmicas e profissionais.

Lucio Costa (1902-1998) foi da turma anterior à de Attilio Corrêa Lima, formando-se em 1924. Foi por meio desse contato na ENBA, como colegas, que os dois estudantes travaram conhecimento e iniciaram suas trocas de experiências e informações que resultaram no convite de Lucio Costa ao amigo Attilio C. Lima para inaugurar a cadeira de Urbanismo na escola, marcando em definitivo a formação dos arquitetos brasileiros também como urbanistas.

ATTILIO NO IUUP (1927 A 1930)

A realidade de Paris pós-Primeira Guerra, as dificuldades enfrentadas em consequência dessas transformações, as discussões sobre as reconstruções das cidades arrasadas e a ocupação dos novos territórios foram assuntos muito próximos ao arquiteto. Tudo isso, associado ao rebatimento desses novos conhecimentos no Brasil, influenciou com certeza na sua escolha pela nova ciência, o Urbanismo.

Attilio Corrêa Lima é o primeiro brasileiro a estudar urbanismo no IUUP, abrindo caminho para outros colegas que vieram depois. No mês de outubro de 1927, decidiu-se pelo curso de Urbanismo na Sorbonne, no IUUP, e logo escreveu aos seus pais contando sua intenção:

Paris, 9 de outubro de 1927

Agora vou à Embaixada para obter uma certidão e um certificado do meu curso para poder matricular-me na Sorbonne, e fazer o curso de Urbanismo que é dado na Faculdade de Direito, das 6 à 7 da noite [...]. Junto aqui vai um programa sumário do curso.

M. Marcel Poete: Evolução das Cidades

M. Eduard Fuster: Organização Social das Cidades

M. Guilhaud: Higiene das Habitações

M. Gaston Jèze: Organização Administrativa das Cidades

M. Heriri Sellier: Organização dos Grandes Serviços Públicos do "Banlieue" Parisiense

M. José Barthelény: A Organização das Capitais

M. Rolland: A Autonomia Comunal e a Manutenção da Ordem da Cidade

M. A. Bruggeman: Organização Econômica das Cidades.

M. W. Oualid: O Municipalismo

M. L. Jausseley, M. J. Greber: Arte e Técnica da Construção das Cidades

M. Sentenac: Arte do Engenheiro Municipal.



Figura 1 - Carteira de matrícula de Attilio Corrêa Lima no IUUP.

Fonte: Acervo da Família Corrêa Lima.

O IUUP, sob a direção da Universidade de Paris, definiu-se em três vertentes: científica, utilitária e divulgadora. Relacionava um conjunto de matérias e estudos das cidades, envolvendo sua organização administrativa, econômica e social, seu planejamento, embelezamento e sua extensão.

As intenções de fazer do IUUP um centro de formação de administradores públicos eram claras:

[...] um centro de formação de administradores especializados, profissionalizados, indicando o papel das seções preparatórias e complementares do Instituto que são seções de preparação e de administração e que têm por objetivo a formação de secretários de prefeitura e de funcionários municipais ou departamentais. (IUUP, 1925:55).³

O plano de ensino do IUUP pretendia compreender um conjunto de problemas geralmente representados pela expressão "urbanismo". De acordo com o Regulamento,

[...] seu programa constituía uma verdadeira síntese da organização da cidade, pesquisando os exemplos do passado com vistas a constatar o estado presente e indicar as soluções futuras em questões infinitamente complexas concernentes ao fenômeno moderno da urbanização. (IUUP, 1925:55).

³ Documento: Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris – Organisation et Fonctionnement. Tradução: Ana Cláudia Rodovalho.

O curso do IUUP formava simultaneamente construtores e administradores de cidades, e isso de tal forma que as matérias das duas ordens de conhecimento correspondentes eram familiares a todos. Qualquer que fosse a especialidade que o diplomado do Instituto quisesse adotar, “[...] sua preparação era suficientemente completa para que ele não comprometesse seus trabalhos pelo desconhecimento de elementos tão importantes quanto numerosos que interessem o planejamento da cidade e sua administração” (IUUP, 1925:56).

O programa do curso de urbanismo no IUUP era compatível com as questões da época: cidades convulsionadas pela indústria e pelo pós-Guerra, densidade populacional sem precedentes nas principais capitais europeias.

O IUUP **exportou** urbanistas que elaboraram os planos de várias cidades do mundo, seja para novas cidades ou mesmo orientando intervenções nas colônias francesas, onde alguns dos professores do Instituto trabalharam difundindo os conceitos urbanísticos da escola formal francesa.

O trabalho-tese do arquiteto Attilio C. Lima: Avant-Projet d'Aménagement et d'Extension de la Ville de Niterói au Brésil, está inserido no contexto daqueles defendidos no IUUP, caracterizados por temas de domínio dos estudantes no que se refere às análises e proposições de locais, cidades e regiões de suas origens. No projeto-tese existe uma estreita relação entre o traçado urbano proposto para Niterói e aquele proposto para a remodelação do Rio de Janeiro de Alfred Agache (Figuras 2 e 3).



Figuras 2 e 3 - Plano de Alfred Agache para o Rio de Janeiro e Plano de Niterói de Attilio Corrêa Lima, respectivamente. Fonte: LONDON (2002).

Attilio C. Lima, após defender sua tese, escreveu aos pais contando o resultado:

Paris, 20 de dezembro de 1930

Na carta precedente já escrevi contando os meus sucessos, de fato só eu e um outro tivemos nota tão alta, 18, os outros todos tiveram de 16 para baixo. No dia seguinte ao da Tese, o Diretor do Instituto me chamou à parte e me aconselhou de publicar o trabalho e que ele poderia me auxiliar. Fui procurá-lo outro dia, e ficou combinado da seguinte forma: ele mandará imprimir para ser publicado na La Vie Urbaine, revista oficial do Instituto. Ficando eu encarregado de fazer os clichés das gravuras, pois são umas 30. Tendo assim o texto e os clichés pode-se fazer uma edição à parte por minha conta, caso queira. Não sei se terei dinheiro para tanto, mas a publicação na revista já é um bom negócio para mim, pois se trata de uma revista muito sisuda e a colaboração é muito seleta [...].

O arquiteto afirmou que sua tese foi comparada à dos projetos que Agache realizava para o Rio de Janeiro e em nada deixava a desejar:

[...] O diretor deu-me a entender que para fazer “cosquinhas” ao Agache, este é inimigo do Instituto. Eles compreenderam bem a importância que terá para mim isso tudo, que por sua vez põe em relevo o valor do Instituto. Mesmo no dia da Tese, em público o diretor disse: quem sabe o seu projeto não será executado antes do Agache? Eu protestei por modéstia etc.. mas eles responderam que guardando as devidas proporções o meu estudo nada tinha de inferior!!! Que eu tinha feito em pequena escala aquilo que o Agache fez em grande, com muitos recursos etc. etc.

Essa gente aqui é muito engraçada, eles tomam tudo a sério, eles estão crenes que eu vou fazer mesmo Niterói. Se eles soubessem o que isso aí?!!!

Attilio C. Lima criticou o modo como Agache desenvolveu os Planos do Rio de Janeiro, no que diz respeito à ordenação dos espaços na tradição das perspectivas monumentais, típicas da Beaux Arts. Apesar de sua crítica, o arquiteto conduziu de forma semelhante as soluções para Niterói, conservando o conceito haussmanniano de vias radiais concêntricas, os *boulevards* e os sistemas de áreas verdes.

ATTILIO DESCOBRE O MODERNO

Attilio C. Lima teve como colega, entre os estudantes de curso do IUUP, o russo Berthold Lubetkin, por quem nutria muito respeito e assim o apresentou aos seus pais:

Paris, 17 de outubro de 1927

Existe aqui um rapaz russo que se chama Lubetkin que tem o curso da Escola Politécnica e atualmente cursa o Instituto de Urbanismo e onde é conhecidíssimo pelo seu formidável talento e preparo, os seus exames são conhecidos porque por diversas vezes já fez com que os examinadores ficassem na situação de examinados. É a personificação do método e da organização e como tal conseguiu fazer um método para o ensino da Arquitetura Moderna, não é o "estilo moderno" é a Arquitetura baseada cientificamente em todas as invenções modernas da Física, da Química e na... Economia Política! Esse método ele quer aplicar, pois é um fruto da sua experiência e ele diz que com a metade do tempo ele consegue mais que pelos processos acadêmicos.

No seu método ele começa por examinar o terreno química e geologicamente e vai por aí afora até a iluminação, onde se calculará a voltagem, amperagem, etc. E tudo isso acompanhado de demonstrações práticas dos representantes de todas as espécies de invenções modernas da construção, como seja: sistema de iluminação moderna estudada cientificamente. Portas e janelas, patentes (sistema em séries em que fala o Corbusier!). Elevadores etc. etc. Processos químicos para o super endurecimento do cimento a ponto de se conseguir fazer paredes com a espessura de 2 cm, e mais resistente do que a parede comum de 25 cm etc. [...].

Attilio C. Lima percebeu a importância do contato com Lubetkin. A bagagem técnica que o colega trazia como conhecedor de inovações nos processos construtivos em série, da racionalização da arquitetura, do emprego do concreto armado e da pré-fabricação, muito diferente da sua formação clássica na ENBA, enriquecia seu repertório.

O arquiteto, pronto para iniciar seu curso com Lubetkin, emitiu mais informações sobre seu colega e professor, transparecendo sua grande consideração e respeito:

Paris, 25 de outubro de 1927

No dia 1º começaremos as aulas com Lubetkin, eu já comprei um esplêndido cavalete com prancheta tipo patente que toma todas as posições e é durável e muito bem construído, e quando se fecha fica "chatinho" para se poder carregar. No curso do Lubetkin (todos terão material igual, porque ele é um apologista da estandarização).

Agora estou trabalhando muito, pois trabalho 5 horas com Lubetkin, e das 18 às 19 da noite no Instituto de Urbanismo. O Lubetkin está fazendo um curso magistral de construção de cimento armado, pois apesar dele ser da minha idade é o sujeito mais conhecido nos meios escolares.

Ele já trabalhou nas companhias de construção em Moscou, Leningrado e Berlim, e está a par de todos os processos modernos.

Na Sorbonne ele é conhecido pelos exames que tem feito e que muita gente vai assistir. Este curso que ele faz conosco é somente porque ele quer aplicar um novo método de ensino e ao mesmo tempo continuar a estudar [...].

O arquiteto comparou os dois métodos de ensino, o de Lubetkin e o de Memória⁴, e o quanto eles eram opostos. Citou a Alemanha e a Rússia como países onde as inovações tecnológicas estavam à frente do que ocorria na França:

[...] O método do Lubetkin é oposto ao do Memória. Ele não pode admitir grandes projetos, por isso ele começa por ensinar: a areia, pedra e cimento; e só sobre isto já escrevemos mais de um caderno e já estamos a par de todas as experiências modernas, que se tem feito na Alemanha sobre estes materiais, porque a própria França está tão atrasada em matéria de construção, a ponto [que o] regulamento de construções de cimento armado ainda data de 1906. Enquanto que, na Alemanha, todos os anos sai um novo regulamento com inovações da ciência e da prática. A Rússia é também o país onde se tem visto surgir uma série de inovações e onde se constrói fantásticamente. Tenho ocasião de ver revistas russas nas quais tenho visto coisas assombrosas, inclusive um estúdio cinematográfico, que é o maior do mundo, e que de acordo com o regime pertence ao Estado [...].

Toda essa bagagem que Lubetkin carregava ele a transmitiu e influenciou seus alunos Attilio Corrêa Lima e Paulo Antunes Ribeiro⁵ por meio das lições do curso de concreto armado. Pode-se observar como Paulo Antunes Ribeiro aplicou esse aprendizado de influências modernistas em suas obras no Rio de Janeiro e Salvador, assim como Attilio Corrêa Lima no projeto da Estação de Hidroaviões do Rio de Janeiro (1937).

NOTÍCIAS DO BRASIL

Durante os anos de permanência na capital francesa, Attilio Corrêa Lima não perdeu o contato com o Brasil, pois inteirava-se do que estava na ordem do dia no campo profissional. Mais uma vez seu pai cumpria o papel de lhe transmitir os acontecimentos recentes e dele recebia os comentários, as críticas e as posições assumidas diante de debates importantes. Além das cartas da família, a mãe lhe enviava os jornais que o auxiliavam a não se distanciar do país.

Por sua vez, o pai também solicitava informações sobre a ENBA para que Attilio C. Lima pudesse contribuir com críticas. O interesse de Corrêa Lima pela ENBA era, assim, dúbio: se existia o olhar enviesado, ele era, todavia, acompanhado da

⁴ Archimedes Memória (Ipu, CE, 1893 – Rio de Janeiro, RJ, 1960) foi professor da ENBA nas disciplinas de Desenho de Ornatos e Elementos de Arquitetura e Composição de Arquitetura.

⁵ Paulo Antunes Ribeiro também foi Prêmio de Viagem, como Attilio C. Lima cursou urbanismo no IUUP, porém não defendeu tese e não concluiu o curso.

vontade de participação nas mudanças que visassem melhorar a instituição, e essas deveriam se realizar a partir de caminhos criativos e não seguindo os modelos parisienses.

Enquanto Lúcio Costa comandava a reforma na ENBA, Corrêa Lima posicionava-se em relação a ela. Estava ansioso e desconfiado, como indica a carta de março de 1931:

Paris, 12 de março de 1931

Queridos Pais,

[...] Atualmente vivo ansioso à espera do resultado da reforma da Escola, vivo conjecturando o que poderá sair daí? Afinal das contas Papai não me diz se há alguma comissão encarregada disso, ou se é o próprio Lúcio sozinho que está elaborando o projeto. Se há uma comissão quem são os membros? [...].

Attilio C. Lima suspeitava que a reforma fosse um ato autoritário de Costa. Depois das explicações dadas pelo pai, manifestou-se:

Paris, 8 de maio de 1931

Recebi a carta de Papai que fala sobre a Reforma, o que está me parecendo é que o Lúcio está deslumbrado com o poder, e que quer dar vazão às suas fantasias. Um dos arquitetos, o Gregory Warchavchik!.. eu já o conheço, ele colabora aqui em várias revistas francesas modernas. E veio até representar o Brasil num congresso que se realiza todos os anos dos arquitetos modernistas. Não sei se ele é modernista porque compreende bem a razão de ser da Arquitetura Moderna, ou se é por esnobismo [...].

Ainda sobre a reforma na ENBA e a inclusão da cadeira de urbanismo, Attilio C. Lima demonstrou seu interesse como professor:

[...] Sobre a possibilidade de reforma da Escola e a criação da cadeira de Urbanismo, isso é assunto que muito me interessa. Pode desde já me considerar candidato ao concurso da cadeira de Urbanismo. É a única coisa de que me sinto capaz de falar um pouco [...].⁶

O arquiteto esmiuçou como seria implantada a disciplina de Urbanismo e candidatou-se como o único professor habilitado:

[...] Embora o Urbanismo atinja a todos os ramos da atividade, a cadeira que se criar na escola será estudada na parte que toca o arquiteto, mesmo só nessa parte a tanta coisa a dizer que no mínimo 2 anos serão precisos para ao menos encaminhar os alunos nessa ordem de coisas. Eu queria que papai me dissesse em que condições será feito o curso, se criar a cadeira de Urbanismo. Se é a congregação da Escola que estabelece o programa do curso, a duração, etc. Não vejo aí na escola (modéstia à parte) ninguém com as aptidões para organizar o programa de um assunto absolutamente desconhecido dos "indígenas" [...].

Attilio C. Lima solicitou apoio ao seu pai, que participava da reforma na Escola, para que a disciplina de Urbanismo fosse ministrada em dois anos, na finalização do curso de arquitetura:

[...] Quanto à duração eu peço que papai se bata para que seja um curso desdobrado em 2 anos, menos do que isso é impossível e até ridículo. Não posso compreender o que se pode fazer em 1 ano? Penso ser o mais viável fazer o curso de Urbanismo no quinto e sexto ano de Arquitetura, por ser o menos sobrecarregado e mesmo porque com a desculpa da aula do Memória, nada se faz esses 2 anos [...].⁷

Refletindo mais sobre o assunto, Attilio C. Lima expressou que o urbanismo não seria mais uma disciplina acrescentada à grade curricular da ENBA, mas um curso independente, uma especialização, após o término dos cursos de arquitetura ou engenharia:

[...] Penso também que esse curso deveria ser facultativo, fosse uma espécie de aperfeiçoamento do arquiteto para que fosse acessível também aos que já teriam escola e até mesmo para os engenheiros. Ou mesmo que o aluno tivesse a faculdade, de completar o curso de Arquitetura e depois que estivesse formado visse então reforçar o título com o Urbanismo [...].⁸

O arquiteto esboçou um programa para o curso de Urbanismo, semelhante à estrutura do IUUP. Ele assim especificou:

[...] Como programa eu penso que no primeiro ano deveria ser: generalidades, os fatores que determinaram a formação das aglomerações urbanas, a evolução das aglomerações através dos séculos, as características, aglomeração moderna consequência da Revolução Industrial do século XIX, a necessidade de resolver esse novo fenômeno, quais os meios que se dispõem: a demografia, a série de fenômenos que a demografia nos revela e a série de problemas a resolver: higiene, circulação, zoning (repartição da população em zonas), regulamentação de construções, etc., etc.

No segundo ano, os meios de resolver os problemas urbanos, o funcionamento de diversos serviços urbanos, algumas concepções como Cité Jardin, os fins econômicos/ sociais visados, os resultados obtidos em Letchworth (Inglaterra) pelo criador Howard. Tudo isso entremeado com exercícios práticos, sendo que no fim do curso um problema sobre Urbanismo a resolver, eminentemente prático sobre um trecho de nossa cidade a modificar ou a criar. Cada um desses assuntos que acima fale, dá margem a

⁶ Carta sem data.

⁷ Carta sem data.

⁸ Carta sem data.

fazer outros tantos cursos, como vê 2 anos ainda parecem pouco. Mas já dá para fazer 2 anos bem puxados. Vou pensar bem nesse programa e mais tarde um pouco mandarei para orientá-lo [...].⁹

A respeito da reforma pretendida por Lucio Costa na ENBA, o arquiteto criticou não só a postura autoritária de seu colega, mas também as contradições propostas, como a omissão do emprego do cimento armado em disciplinas que abordavam a arquitetura moderna.

À distância, Attilio Corrêa Lima participava do que se passava na ENBA, emitindo opiniões sobre os professores e sobre a estrutura do curso, em especial quando a questão era o ensino do urbanismo.

ATTILIO COM AGACHE NOS PLANOS DO RIO

Após um ano de sua chegada a Paris e iniciado os estudos no IUUP, Attilio C. Lima, sabendo dos projetos para a remodelação do Rio de Janeiro em andamento no ateliê do Alfred Agache, vai visitá-lo à procura de trabalho.

Em correspondência enviada ao pai contou seu primeiro contato com o urbanista francês. Suas palavras estavam carregadas de entusiasmo e admiração pelo trabalho desenvolvido e pela oportunidade que teria como arquiteto e estudante de urbanismo em participar da equipe que elaborava os planos para o Rio de Janeiro. Ele assim descreveu o seu primeiro encontro com Agache:

Paris, 15 de janeiro de 1928.

Meu querido pai e querida mãe,

Assim que li a carta e que percebi que o Agache estava mesmo em Paris, fui logo no dia seguinte procurá-lo, pois ele mora e tem um escritório aqui no meu arrondissement, perto da "Place de Pereire". Ele me recebeu com muita amabilidade, conversou muito, está deslumbrado com o Rio de Janeiro. Apresentou-me ao chefe dos trabalhos e disse-me para começar a trabalhar. Ele diz que só no dia 23 terá oficialmente o contrato com a municipalidade para a confecção da planta da reforma da cidade. Fiquei muito satisfeito, pois para mim é de grande vantagem, principalmente porque vou aprender praticamente aquilo que estudo no Instituto, ao mesmo tempo, que trabalhando com ele ficarei com uma certa consideração aí no Rio. Me agradou muito o que vi no ateliê do Agache, lá tive também o prazer de ver uma infinidade de mapas, plantas e relevos do Rio de Janeiro [...].

Preocupado com o novo vínculo de trabalho, o arquiteto perguntou ao pai se sua situação como pensionista o impediria de exercer outra atividade:

Paris, 4 de fevereiro de 1928

Querido Pai e querida Mãe

A respeito de Agache, continuo sempre trabalhando lá. Ele já me paga 10 francos a hora, o que já é o que se chama unir o útil ao agradável. É preciso que Papai me diga se existe algum tipo de artigo no regulamento que proíba ao pensionista trabalho remunerado. Porque a Anita Malfatti é pensionista do Estado de São Paulo e não pode trabalhar recebendo. Caso seja proibido Papai não dirá nada a ninguém, e eu arranjaré com o Agache de ficar tudo "entre nós" [...].

À medida que o trabalho evoluía no ateliê do urbanista, Attilio C. Lima manifestou dúvidas acerca da capacidade profissional de Agache, afirmando até mesmo que o Brasil não tinha feito uma boa escolha ao contratá-lo, e mencionou as divergências que existiam entre ele e o IUUP, em especial, com Henri Prost, seu orientador:

[...] A impressão que tenho de Agache não é muito boa. Não acho que foi uma boa escolha que fizeram. Nos meios urbanistas ele não é considerado como tendo muito valor. Ele foi derrotado no projeto da Capital da Austrália (Cambera). E no Instituto havia uma vaga de "Técnica e construção de Cidades" e os candidatos inscritos eram Agache e Prost. Foi por unanimidade eleito Prost, que construiu Casablanca, está fazendo Barcelona e fez várias cidades nas colônias. Em consequência disto o Agache tem um ódio do Instituto e não gosta muito que se fale nele. Principalmente por causa do Prost, pois eles já eram inimigos fidejais [...].¹⁰

O arquiteto justificou sua opinião sobre Agache apontando a maneira como o urbanista pensava o urbanismo e como estava realizando as intervenções no Rio de Janeiro:

[...] O defeito do Agache é ser muito "Pompier", se preocupa muito com monumentalidades, sacrificando a utilidade e o progresso.

Ele é um homem que não é arrojado, não tem ideias modernas, é o homem que estuda ainda os traçados antigos. A preocupação de Agache é reproduzir no Rio as ruas e praças de Paris. Por exemplo, na esplanada do Castelo ele estuda atualmente uma praça semelhante à Praça Vendôme e até com as mesmas dimensões [...].¹¹

Para enfatizar a falta de funcionalidade da praça projetada por Agache na Esplanada do Castelo, Attilio C. Lima contrapôs a solução aos ensinamentos do IUUP:

⁹ Carta sem data.

¹⁰ Correspondência de Attilio C. Lima de 4 de fevereiro de 1928 para seus pais.

¹¹ Correspondência de Attilio C. Lima de 4 de fevereiro de 1928 para seus pais.

[...] Ora, dias antes eu ouvi no Instituto da boca de um professor (que apesar de ser velhinho tem idéias novas) que uma cidade deve ter boas canalizações, facilidade no trânsito, boa orientação, as praças bem calculadas para o trânsito etc. etc... E citava como exemplo de coisa inútil a Praça Vendôme, que foi construída para bajular Luiz XIV colocando sua estátua ao centro (hoje tem a coluna). Nesta praça não há nada que demonstre a necessidade dela existir. Não há cruzamentos de ruas! E como esta, muitas outras coisas [...].¹²

Outro arquiteto brasileiro que também trabalhou no ateliê de Agache nos Planos do Rio de Janeiro foi Mário Santos Maia.¹³ Como Attilio C. Lima, ele também era pensionista pela ENBA. Na visão de Attilio C. Lima, Santos Maia influenciava Agache com suas sugestões absurdas:

[...] Para cúmulo do azar temos, lá no Agache, o Mário Maia fazendo o trabalho de “cupim”, leva a atormentar o Agache que dê a cidade um aspecto colonial e que faça com que seja como que obrigatório nas construções futuras. O Agache foi aceitando e já está francamente a favor disso, e muitas outras asneiras [...].¹⁴

A despeito de todos os conflitos que Attilio C. Lima observou nos projetos para o Rio de Janeiro, mesmo assim reconhecia a importância de continuar a trabalhar com Agache. O arquiteto vislumbrava, com a oportunidade, possibilidades futuras, inclusive de ajudar os amigos Paulo Antunes Ribeiro e Lucas Mayerhofer:

[...] Apesar de tudo isso eu faço muita questão de continuar trabalhando lá porque me será muito útil para aprender a organização dos trabalhos e só. É principalmente porque, quando ele acabar com a cidade do Rio, deixará um Bureau de Urbanismo e os mais indicados para nele dirigirem são os que colaboraram na planta da cidade. Já consegui encaixar o Paulinho lá também, espero que quando o Mayerhofer vier também vá para lá, assim ficará a trinca (“tringa” como diz Mamãe) trabalhando junto [...].¹⁵

As impressões negativas sobre Agache não paravam de ser emitidas. Pode-se supor que Attilio C. Lima comprara a defesa de seu orientador Henri Prost. O calcanhar de Aquiles de Agache era, na visão de Attilio C. Lima, a insistência de reproduzir Paris no Rio de Janeiro. O arquiteto foi enfático nos adjetivos destinados a Agache:

Paris, 12 de fevereiro de 1928

Querido Pai e querida Mãe

Eu continuo sempre com Agache, e cada vez mais firme na ideia de que ele é um zebroide. Ele é tão zebra que vai levar fotografias do Arco do Triunfo, Praça da Concórdia, etc... para o Rio em abril, e na conferência que fizer vai provar que o que ele está fazendo é muito “bonito”, porque de fato ele vai reproduzir no Rio todas as praças e monumentos de Paris e com as mesmas dimensões!! Eu acho que, de tudo isso, a única coisa que vai prestar é a Planta Cadastral, porque é o que vai servir para o futuro. O resto é dinheiro posto fora [...].

Na correspondência do final do mês de fevereiro de 1928, bastante envolvido nos projetos em andamento no ateliê de Agache para os Planos do Rio, Attilio C. Lima descreveu detalhadamente a produção de colegas brasileiros. O arquiteto destacou a valiosa colaboração de Mário Maia no levantamento histórico da cidade (Figura 4) e assegurou que somente um brasileiro seria capaz de realizá-lo. Foi então que, convencido das habilidades de seus conterrâneos, escreveu:

Paris, 26 de fevereiro de 1928

Querido Pai e querida Mãe.

Continuo trabalhando sempre no Agache, onde cada vez me convenço mais que só uma pessoa da terra poderia fazer alguma coisa que prestasse. O serviço que nós brasileiros temos prestado, ele não pagaria com o todo dinheiro do mundo, por exemplo, o Mário Maia já fez um resumo de todos os projetos, artigos e crônicas que já se fez para a cidade desde mil e oitocentos e tanto, que é um documento precioso, pois tem uma infinidade de sugestões. Está fazendo agora um resumo da evolução da cidade, desde a fundação, com mapas da época, mostrando como as vias de comunicação foram se desenvolvendo, os aterros das lagoas, etc. etc. [...].

12 Correspondência de Attilio C. Lima de 4 de fevereiro de 1928 para seus pais.

13 Mário dos Santos Maia, além de funcionário do Ministério do Trabalho, possuía uma das firmas mais atuantes em prédios de escritórios no Rio de Janeiro, o Studio Santos Maia. Formou-se pela ENBA no início dos anos 1910 e recebeu o Prêmio de Viagem em 1923.

14 Correspondência de Attilio C. Lima de 4 de fevereiro de 1928 para seus pais.

15 Correspondência de Attilio C. Lima de 4 de fevereiro de 1928 para seus pais.

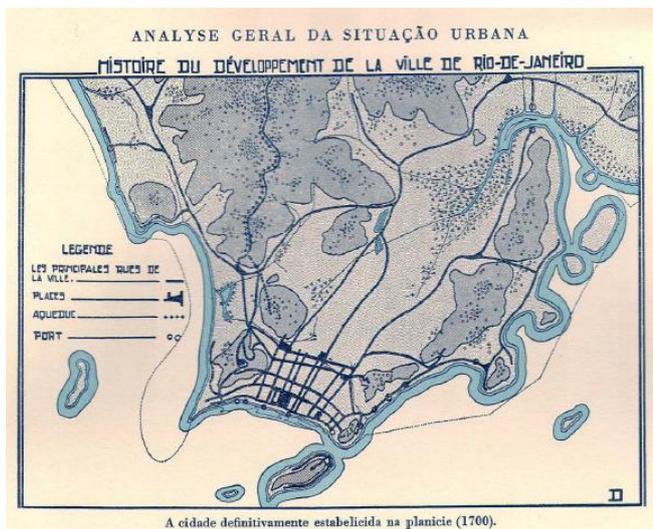


Figura 4 - Mapa com da evolução histórica da cidade do Rio de Janeiro. AGACHE (1930).
 Fonte: <http://planourbano.rio.rj.gov.br/>

Lendo as correspondências nas quais Attilio C. Lima descreveu os trabalhos realizados no ateliê e comparando as descrições aos resultados publicados, verifica-se a presença de vários mapas, tabelas, pesquisas e textos produzidos pelos profissionais brasileiros, como, por exemplo, várias plantas com a evolução histórica da cidade elaboradas por Mário Maia.

Attilio C. Lima especificou o trabalho que realizava nos Planos do Rio:

[...] Eu já fiz a divisão dos distritos, esquemas da densidade de população por distrito, densidade da população estrangeira, repartição da população por profissão, esquema das regiões isócronas, quer dizer são as zonas onde a população é servida respectivamente em 15, 30, 45, 60 minutos. Este esquema só uma pessoa que conhece os bondes e os tempos de percurso é que poderia fazer! [...].¹⁶

Na “ossadura do Plano Diretor”, analisaram-se a malha ferroviária e de bondes, os trajetos e o tempo das viagens existentes, para serem traçadas as proposições de reorganização do sistema de transportes integrados. Attilio C. Lima também citou a sistematização desses dados que foi por ele realizada (Figura 5).

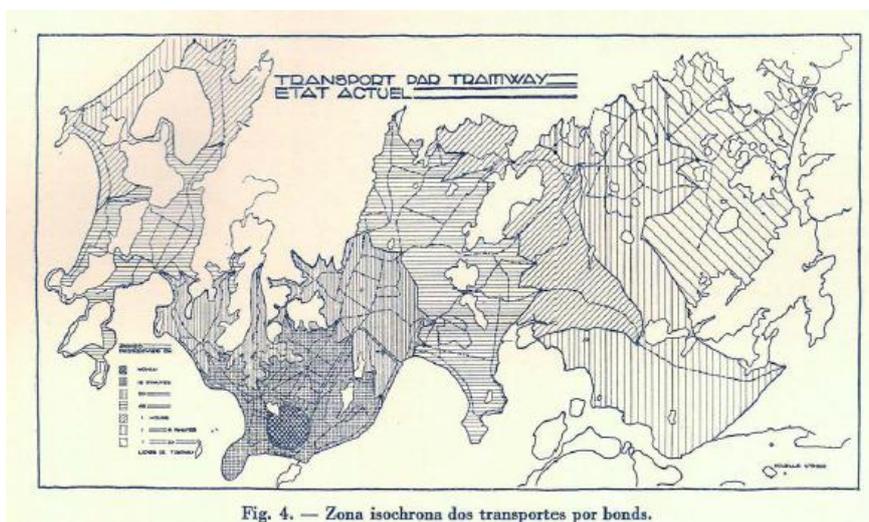


Fig. 4. — Zona isocrona dos transportes por bondes.

Figura 5 - Mapa trajeto dos bondes. AGACHE
 Fonte: <http://planourbano.rio.rj.gov.br/>

O arquiteto relata ainda os últimos projetos elaborados: “[...] atualmente estamos fazendo trabalho material de ampliar cartas. E, no entanto, tem uma série de arquitetos franceses recém-formados, que são umas negações, e que estão trabalhando no projeto da cidade”.¹⁷

¹⁶ Correspondência de Attilio C. Lima de 26 de fevereiro de 1928 para seus pais.

¹⁷ Correspondência de Attilio C. Lima de 26 de fevereiro de 1928 para seus pais.

Percebe-se, ao pesquisar o Plano de Extensão, Remodelação e Embelezamento para a cidade do Rio de Janeiro, que a contribuição dos brasileiros na sua elaboração, até então desconhecida, foi significativa e extensa. Somente conhecedores “da terra”, com suas informações preciosas e específicas, como afirmou Attilio C. Lima, estavam aptos para desenvolvê-la.



Figura 6 - Attilio Corrêa Lima (com marcação) no ateliê de Alfred Agache em Paris.
Fonte: Acervo da Família Corrêa Lima.

Finalizando a longa correspondência, Attilio C. Lima comentou sobre uma conferência proferida por Agache e da qual participou como ouvinte:

[...] Outro dia assisti a uma conferência do Agache onde ele disse uma série de asneiras, inclusive que no Rio tem pessoas de competência, mas incapazes de conceber um plano da cidade, mas que felizmente teve um Prefeito inteligente que chamou um Urbanista francês. E outras parvoíces como: que quando ele fez a sua conferência, no Rio, veio gente de toda parte para ouvi-lo, e que mais de 1.600 pessoas encheram o maior teatro do Rio etc. Apesar de todas essas asneiras eu continuarei a trabalhar com ele até o fim, para aproveitar ao menos um bocadinho do dinheiro que nossa terra está botando fora!!¹⁸

Ao receber o pagamento pelo trabalho realizado durante o primeiro mês no ateliê do urbanista francês (Figura 6), Attilio C. Lima descreve sua decepção: “[...] soube que no Agache só ganho oito francos por hora, o que vem a ser uma miséria. Ainda se aprendesse alguma coisa vá lá, mas lá só faz coisas que nenhum lucro trará, nem ao Rio de Janeiro, nem a mim.” O arquiteto finaliza ironicamente “[...] O que é preciso é a gente se Agachar diante dessa gente que se Agacha para o Agache”.¹⁹

O fato de os arquitetos brasileiros – Prêmio de Viagem, pensionistas pela ENBA – trabalharem no ateliê de Agache nos Planos do Rio de Janeiro recebendo remuneração, o que contrariava o regulamento para bolsistas, provavelmente foi um dos motivos de seus pagamentos serem inferiores aos dos profissionais franceses, uma vez que não estavam devidamente formalizados. Essa talvez seja a razão para que seus nomes não constem nos créditos dados aos colaboradores dos projetos. Nas páginas iniciais da publicação do Plano de Agache para o Rio de Janeiro, na qual é citada a equipe de arquitetos, não há nenhuma menção aos brasileiros

Os planos do Rio de Janeiro foram concluídos coincidindo com a Revolução de 1930 e com a interrupção administrativa. Apesar de avaliado e ser aceito parcialmente, grande parte das propostas do Plano Agache nunca saiu do papel. Vários autores destacam que, além da questão política do governo, de não continuar os projetos da Primeira República, o plano era “[...] muitíssimo caro com diversas obras vistas como cenográficas por parte de setores importantes da sociedade carioca (ABREU, 2008; PEREIRA; 1996, SILVA, 1996)” (LEME; FERNANDES; SAMPAIO, 2005:117).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada em fonte primária, constituída pelo material epistolar, permitiu a leitura da trajetória acadêmica e profissional do arquiteto-urbanista Attilio Corrêa Lima, em suas diferentes escalas, identificando o singular de um percurso e o plural, corporificado pelo pensamento urbanístico que lhe foi contemporâneo.

18 Correspondência de Attilio C. Lima de 26 de fevereiro de 1928 para seus pais.

19 Correspondência de Attilio Corrêa Lima de 2 de julho de 1928 enviada aos pais.

A trajetória percorrida pelos colegas de Attilio C. Lima, na qual se destacaram Paulo Antunes Ribeiro, Lucas Mayerhofer e Lúcio Costa, foi pontuada por uma produção profissional coerente com os ensinamentos da ENBA. Eram arquitetos situados entre a linguagem do neocolonial e o ideário do movimento moderno, representando uma geração de ruptura.

Pode-se dizer que Attilio C. Lima foi um homem de transição entre dois momentos da história da arquitetura, um homem de fronteira entre o século XIX e o XX, representando os conflitos e contradições de seu tempo. Formado nos moldes da arquitetura clássica, ele percebeu que as transformações tecnológicas do mundo pós-Guerra exigiam outras respostas, além daquelas de caráter estético.

Do grupo de brasileiros no IUUP, somente Attilio C. Lima defendeu sua tese de diplomação. Outros brasileiros também frequentaram o Instituto. Porém até o início dos anos 1950, ele se manteve o único brasileiro a concluir a formação de urbanista, confirmando que, além de um pioneiro nessa área, foi uma exceção por ter concluído seus estudos.

O trabalho-tese de Attilio C. Lima espelhou sua formação tanto da ENBA em arquitetura, como do IUUP em urbanismo. Mas ainda não se sentia seguro para dar um salto em direção à cidade moderna corbuseriana.

Corrêa Lima descreveu detalhadamente a valiosa colaboração de seus colegas ao plano para o Rio de Janeiro elaborado por Agache, defendendo o campo de trabalho que parecia ser promissor, assegurando a capacidade dos brasileiros. No seu relato, e ao pesquisar o Plano de Extensão, Remodelação e Embelezamento para a cidade do Rio de Janeiro, percebe-se que a contribuição dos brasileiros foi significativa e extensa, com informações preciosas e específicas que somente profissionais "da terra" eram aptos para desenvolvê-las.

Attilio C. Lima manteve sua rede de amigos e colegas estabelecida durante a sua formação na ENBA. Mesmo estando por cinco anos fora do país, ele permaneceu atualizado sobre os assuntos que lhe interessavam e dessa forma construiu seu retorno profissional. Quando chegou ao Brasil em 1931, assumiu a cadeira recém-criada de urbanismo na ENBA, inaugurando o ensino do urbanismo nas escolas de arquitetura, e foi convidado para elaborar os planos da nova capital de Goiás, Goiânia.

Em 1937, o arquiteto abriu seu escritório particular e participou do concurso para elaboração da Estação de Hidroaviões do Aeroporto Santos Dumont. Nesse projeto aplicou os preceitos da arquitetura moderna aos moldes de Corbusier: o pilotis, as janelas em fita, a planta e a fachada livre, marcando a paisagem carioca com um dos edifícios pioneiros da arquitetura moderna no Brasil (Figura 7).



Figura 7 - Estação de Hidroaviões do Rio de Janeiro.
Foto: Augusto Malta.

O arquiteto-urbanista, após ganhar o concurso para a Estação de Hidroaviões, foi solicitado para diversos trabalhos. Entre eles, atuou na área de paisagismo desenvolvendo estudos para a Granja Comary em Teresópolis (1939), reforma para os jardins do Palácio Itaboraí, em Petrópolis (1939), jardins da residência do conde Francisco Matarazzo Júnior, na Avenida Paulista (1939), para a residência de Roberto Marinho, no Cosme Velho no Rio de Janeiro (1940). Também realizou vários projetos residenciais e atuou como consultor do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Sphan (1939-1941).

Attilio Corrêa Lima elaborou em 1941 o Plano Regional do Município de Barra Mansa no Rio de Janeiro, realizando, com a colaboração do arquiteto Aldary Toledo, o primeiro Cadastro Técnico Municipal. Em 1942, quando elaborou o plano da cidade operária de Volta Redonda, no Rio de Janeiro, para a Companhia Siderúrgica Nacional – CSN –, pautou-se pelos paradigmas que Tony Garnier havia proposto para a Cité Industrielle (1904-1917). Ainda nesse mesmo ano, integrou-se ao quadro de arquitetos do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários – IAPI. Aí, exercitou, por completo, os preceitos da arquitetura moderna, coordenando uma equipe de alto nível. Attilio C. Lima, mais uma vez, foi um pioneiro, projetando o Conjunto Residencial da Várzea do Carmo, o primeiro conjunto de habitação social construído pelo IAPI em São Paulo.

Nos doze anos de produção intensa, entre seu retorno da Europa em 1931 e a sua morte prematura e trágica aos 42 anos, em um acidente de avião, quando retornava para o Rio de Janeiro, no dia 27 de agosto de 1943, Attilio Corrêa Lima prometia a realização de uma carreira próspera, tão vasta e próspera como o de seus colegas de geração.

REFERÊNCIAS

- IUUP – Institut d'Urbanisme de L'Université de Paris. École Nationale des Hautes Études Urbaines et de l'Administration Municipale: organisation et fonctionnement. Université de Paris, 1925.
- LEME, Maria Cristina da Silva; FERNANDES, Ana; SAMPAIO, Antonio Heliodório Lima (Org.). Urbanismo no Brasil, 1895-1965. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2005.
- LIMA, Attilio Corrêa. Avant-projet d'aménagement et extension de La ville de Niterói- au Brésil. Paris: Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris, 1932.
- LONDON, Marcos Zanetti. A circulação de idéias urbanísticas no meio profissional e acadêmico e sua influência nas obras de Donat Alfred Aagache e Attilio Corrêa Lima. 2002. Dissertação (Mestrado) – UFRJ/FAU, Rio de Janeiro, 2002.